



TRANSCRIÇÃO JORGE BROIDE

[00:00:45]

[HEIDI TABACOF] Vamos lá!

[JORGE BROIDE] Vamos lá?

[HEIDI TABACOF] Vamos lá, te escuto.

[JORGE BROIDE] Meu nome é Jorge Broide, eu sou psicanalista. Me formei pela PUC como psicólogo no ano de 1979. Desde então eu venho trabalhando em consultório particular, coisa que eu gosto muito de fazer. E desde o ano de 76 eu venho trabalhando em outras situações fora do consultório.

Essa questão de trabalhar com outras situações fora do consultório foi uma questão que me tomou pela vida inteira. E foi uma questão que me acompanha até hoje. É como uma... Eu sinto como algo que me toma e que me leva a investigar, investigar, investigar, investigar... Cada vez com maior profundidade o que é essa psicanálise rigorosa que tem que ser feita fora do consultório, que não é uma psicanálise, não é um transplante do consultório pro mundo, pra fora do consultório, é uma construção que tem que ser feita. Então eu tenho me dedicado muito a essa construção.

E isso tem uma história. E quando eu penso hoje, estávamos falando dos 70 anos, eu tenho 70 anos, como é que vem isso? Como é que foi surgindo essa história? E fiquei pensando muito, até pra nossa conversa de hoje, que vem desde o tempo da adolescência, que era essa história de um desejo de cruzar mundos e cruzar fronteiras.

Então eu lembro que quando eu tinha 14 anos, por exemplo, 14, 15 anos, eu morava ali em Higienópolis e descia a [Rua] Major Sertório sozinho e ia caminhar ali pelo meio das bocas, ia na Galeria Metrôpole, ia nesses lugares todos... Não transava com as prostitutas, mas entrava nos puteiros e depois ia nos bares... E era uma vida que era uma vida completamente diferente, era outra coisa.



PSICANALISTAS QUE FALAM

E eu olhava aquilo e dizia: “Puxa, mas que é isso? De que as pessoas vivem? Que coisa interessante e forte!”. Isso sempre me tocou muito.

Então, essa coisa do viver da vida fora das fronteiras onde eu nasci, que são uma fronteira burguesa, uma fronteira... E sempre me atraiu muito. Sempre me atraiu muito. Então, com isso que eu fui trabalhar na rua, com isso eu estava atendendo as pessoas na rua. Foi isso que eu fui trabalhar sempre nas instituições, trabalhar, enfim, em muitos lugares diferentes daquele do consultório particular, sempre com essa questão: trabalhando no consultório, mas sempre com essa questão de como é que a gente pode fazer uma clínica rigorosa fora do consultório?

E aí, ao longo desses anos todos, que já são 48 anos que eu venho fazendo isso incessantemente, quer seja atendendo diretamente, quer seja dando supervisão pra equipes, enfim... Em diferentes situações, em diferentes locais de trabalho, que pode ser na questão, por exemplo, do Estado. Então, na capacitação de muitos trabalhadores do SUAS [Sistema Único de Assistência Social] e do SUS [Sistema Único de Saúde], muitos. Eu acho que hoje eu trabalho muito com a Emilia Broide, que é a minha mulher, a gente já deve ter feito a capacitação de umas 3000 pessoas pelo Brasil afora, trazendo... Não que essas pessoas sejam psicanalistas, mas trazendo elementos da psicanálise que mudam o trabalho dessas pessoas.

[00:05:13] Eu sempre dou o exemplo de um porteiro de um equipamento do SUAS, que quando chega alguém descompensado, se ele escuta esse alguém descompensado, como alguém que está atacando ele, é uma coisa. Se ele entende esse alguém na transferência e ele entende o que que é transferência, que essa pessoa não está brigando com ele, mas está falando da vida dele pra ele, muda completamente a forma de trabalhar.

Então, esse tipo de coisas que são conceitos da psicanálise também, que a gente foi trabalhando, que não quer dizer que alguém seja psicanalista. E é muito legal essa experiência de... Eu sempre digo que se eu não souber explicar Freud pra cozinheira do



PSICANALISTAS QUE FALAM

equipamento, pra dona Maria, que faz a faxina do equipamento, não dá. Então eu preciso conseguir explicar o que que é o inconsciente, o que que é tudo isso...

E é muito legal, porque as pessoas entendem. As nossas experiências são lindas em relação a isso. Você: "Ah, agora eu entendi por que que não sei o que, parará, parará, parará...". Então tem um lado do trabalho que é esse, que é levar conceitos na prática pra essas situações do mundo no SUS, no SUAS, na educação, em vários lugares, que são esses campos todos que a gente vem atuando.

Isso é um tipo de trabalho que a gente tem feito.

Um outro tipo de... nas escolas também... A gente tem feito isso lá no Rio Grande do Sul... que é um trabalho que a gente gosta muito de fazer.

Outra coisa que é o cruzar a fronteira do consultório pra uma instituição e da instituição pra cidade. Então, hoje, eu tô muito focado em como é que se trabalha com a cidade, com a cidade... Como é que um psicanalista trabalha na cidade, com a cidade?

E não é uma coisa de estar pensando a cidade, não é isso. Absolutamente não é isso. É trabalhar na e com a cidade. Não é pensar a cidade: "Ah, porque na cidade acontece isso, na cidade acontece aquilo...". Não. É entrar nas entranhas da cidade. Entrar onde... Como é que o consciente se organiza na cidade, na relação entre as pessoas e a concretude desse inconsciente que constitui os laços entre as pessoas e operar aí. Não é falar sobre, é estar ali. E como é que tudo isso vai surgir na transferência com a gente.

Isso tem sido muito interessante, porque nos leva, inclusive, pra um diálogo com outros saberes. Então, hoje em dia, a gente tem trabalhado com engenheiros, tem trabalhado com arquitetos, tem trabalhado com administradores, tem trabalhado com geógrafos, temos trabalhado com muitas profissões...

E, só pra dar um exemplo, que foi um exemplo que é muito engraçado, que a gente faz um trabalho e depois eu vou contar que é com um pessoal da engenharia, engenharia pesada, que é um trabalho que eu até vou dizer ali no centro de São Paulo, no antigo prédio da Telesp, está sendo feito um retrofit, vai ser uma coisa linda, muito bonita. E o



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

CEO, o chefe, o dono da incorporadora, que é um rapaz jovem, em cara de uns 40 e tantos anos, me chamou pra trabalhar com a população de rua ao redor ali, que pega a Praça da República e todos esses lugares. E um dia eu estava conversando com ele e ele diz assim: “Porra, Jorge, está faltando dado aqui, está faltando indicador. Não tem métrica nesse troço, não tem métrica”. Eu disse: “Bruno, deixa eu explicar...” – daí eu entendi, daí eu entendi... “Deixa eu te contar um negócio: quando você vai construir um prédio, você tem que saber aonde que vai cada prego, quanto vai custar cada prego, quem vai colocar cada prego, se não você não pode começar a construir esse prédio. O nosso caso é completamente diferente, é outra metodologia. Nós temos que ver o prédio, a gente tem que ir entendendo o prédio pra gente poder ir construindo o prédio”. Então, são duas metodologias muito diferentes, que essa metodologia psicanalítica da escuta, e a partir da escuta, na transferência, a gente vai vendo pra onde vai, como faz...

[00:10:28] Aí nos entendemos, aí nos entendemos, foi um papo ótimo. Aí nos entendemos, ele entendeu... E enfim, tem essa questão, Heidi, que vai tirando a psicanálise de um lugar fechado, quando tem que falar com engenheiro ou quando tem que fazer um orçamento, por exemplo. E dizer: “Bom, tem tais produtos, eu preciso entregar isso, preciso entregar aquilo, preciso entregar aquilo outro, tem um contrato”... Nós psicanalistas não estamos acostumados a trabalhar com contrato, um contrato, contrato... “Dia tal: tal coisa, dia tal: tal coisa”... E a gente tem que se acostumar isso, que isso é entrar na cidade, e entrar e sair é cruzar uma fronteira do lugar do consultório. Então isso é uma coisa que o que eu queria falar aqui.

Outra coisa que eu queria falar é, assim, que eu brinco muito, dou aula na PUC, no curso graduação da PUC, gosto muito de fazer isso. Gosto muito de fazer isso. E trabalhar com o pessoal jovem... Essas equipes que trabalham com a gente, nós temos uma equipe hoje de umas 20 pessoas mais ou menos, que trabalham com a gente e são muito jovens, tão jovens quanto éramos, tão jovens quanto éramos, Heidi! Tão jovens quanto, que não têm medo de nada e que vão pros lugares mais inauditos, navegando por esses lugares...



E eu conto pros meus alunos... Eu digo uma coisa pra eles, eu digo assim: "Eu vou contar um negócio pra vocês, mas vocês não podem contar pra ninguém, porque eu vou ser demitido por justa causa se vocês contarem, porque eu assinei um contrato de sigilo, que é o seguinte: quando vocês entram aqui, no primeiro dia de aula da Faculdade de Psicologia, introduzem secretamente um chip no cérebro de vocês, dizendo que clínica é o atendimento individual no consultório de classe média. E vocês começam a entender a clínica somente através desse chip. Então tudo vai passar por esse chip. Então o meu trabalho aqui com vocês é ampliar isso e vocês perceberem que a clínica rigorosa – e aí a gente trabalha muito com os quatro conceitos fundamentais do Lacan, que a clínica rigorosa tem que ter: o inconsciente, a transferência, a repetição e a pulsão.

E é isso o que nos interessa quando nós estamos nos outros lugares que não são o consultório particular, mas tem que juntar os outros conhecimentos pra poder entender a cidade, por exemplo. Tem que entender o que é o território, tem que entender o que é a economia, tem que entender como é que se dão as cadeias produtivas muitas vezes do território onde a gente está. Que cadeias produtivas tem aqui? Como é que isso influi na vida das pessoas? Como é que o vendedor ambulante que a gente está escutando, conversando... A gente passa pela calçada e parece que passou pela calçada, mas aquele vendedor ambulante, naquele metro quadrado que ele está, a vida dele inteirinha está jogada ali, por completo, está jogada ali. E nós temos que entender isso e podemos ter que escutar isso dele. Como é que a vida inteira dele está jogada naquele carrinho e ele depende daquele carrinho. Enfim, a vida na cidade é isso, é muito interessante.

Então o rompimento das fronteiras, quer seja do consultório, quer seja do trabalho na cidade, quer seja do trabalho com o setor público, quer seja com trabalho no setor privado, quer seja... Sempre com essa perspectiva...

Então a gente foi desenvolvendo ao longo desses anos – quando eu digo a gente, eu estou falando a Emília e eu, a gente foi desenvolvendo uma metodologia que a gente chama de escuta territorial.



[00:15:00] Então, como é que a gente escuta o território da cidade, por exemplo? Então a gente flana pelo território da cidade, vai andando pela cidade, vai andando, vai andando... É mais ou menos como uma gaivota, um pássaro no mar que a gente vê que ele vai voando, e ele vê o brilho do peixe e mergulha. Então a gente vai andando pela cidade e: "Pst, alguma coisa, aqui tem". Na escuta, que nem a gente está escutando no consultório: tem uma sílaba, tem uma entonação, tem um jeito de falar, tem alguma coisa que acontece, que a gente diz: "Aqui tem, fala mais sobre isso, que história é essa? Como é que é isso?".

E é assim que a gente vai trabalhando na cidade e a gente vai desvelando essas relações inconscientes que estão ali presentes. A partir do desvelamento dessas relações inconscientes, e como é que isso afeta concretamente a vida das pessoas, é que nós vamos começar a pensar que tipo de dispositivo nós vamos fazer.

Sempre nos chamam pra uma determinada urgência: "Olha, está acontecendo isso, isso, isso, isso, isso, isso. Nós não sabemos o que fazer. Nós não sabemos o que fazer. Isso aqui é o maior pepino". Sempre assim, sempre, sempre assim. Então vamos lá nós escutar, escutar, escutar. Daí a gente escuta, daí pergunta: "O que é que você faz depois?". "Escuta". "E depois que é que você faz?". "Escuta". "E depois que é que você faz?". "Escuta"... Até entender alguma coisa. E a partir daí é que a gente vai montar um dispositivo de escuta.

E tem sido muito interessante. Hoje em dia nós temos cinco campos de trabalho que nós estamos com essa equipe... Tem um campo que é mais recente, que é em Porto Alegre, que duas pessoas da nossa equipe são de Porto Alegre, que trabalham com uma escola que é no meio de uma comunidade de favelas e estão trabalhando com essa escola, nesse lugar... Então: escutando a escola e escutando a comunidade. Escutando, escutando... Escutando pra criar dispositivos, pra operar. E os dispositivos sempre nesse eixo dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise.



Tem um outro trabalho que a gente faz na Zona Leste. Na Zona Leste a gente faz em parceria com a Fundação Tide Setúbal, e lá tem a Fundação, tem um galpão... Então fazemos um trabalho ali e nós trabalhamos, fazemos grupos com as mulheres, fazemos grupos com crianças, fazemos grupo na escola e fazemos um grupo também, que eu gosto muito, que é na porta de uma CEMEI.

Como é que funciona isso? Só um parêntese, assim: que me dá um enorme prazer estar construindo esses dispositivos, entende? Acho muito instigante, muito instigante. Não sozinho, mas com as pessoas que estão lá.

Então o pessoal fica na porta da CEMEI. Na CEMEI é onde o bairro todo se reúne pra trazer as crianças. Então é aonde chegam as crianças famintas, sem fralda, com fralda, com isso, os conflitos... Tudo chega ali. É um ponto de confluência no território, por isso que a importância do conceito de território pra nós é tão grande. E a gente fica lá, nossa equipe fica lá, é tipo dar Sur, como a gente chama. Sur é o nome da nossa grande corporação, que significa sul em espanhol, tá certo? E a equipe fica ali e as pessoas começam a falar, a falar: "Olha, está acontecendo isso, vocês são psicólogos? São psicólogos?". "Somos". "Sabe que essa criança aqui está acontecendo isso, isso, isso, isso e aquilo". "Essa aqui está acontecendo isso". "Lá em casa, está acontecendo isso, isso...". Então as pessoas começam a trazer um material muito denso, difícil de escutar, porque é um material que vem das entranhas da cidade. De novo, não é *sobre*, é *das* entranhas da cidade, que vem na transferência com a gente, né?

Então isso a gente chama de um trabalho nas portas.

[00:20:02] Tem um outro trabalho que a gente fez e que agora está mudando um pouco, que é um trabalho na Zona Sul, que a gente fazia quando estava construindo uma clínica social numa instituição e quando tava tudo pronto, pronto, pronto, pronto pra começar, veio a pandemia. Tinha sala, bonitinho. O pessoal foi lá, arrumou a sala, botou florzinha na sala, quadro, todo mundo feliz da vida... E começa a pandemia... E aí a gente falou: "Não, mas não vamos parar, nós não vamos parar". Então nós bolamos o seguinte:



PSICANALISTAS QUE FALAM

que foi de fazer um link – e essa instituição é rodeada de favelas, que atende essas favelas todas – e de pegar os *whatsapps* de todas as pessoas que eles tinham, mais na cesta básica... E a gente já tinha feito uma escuta territorial antes. Então, o que que a gente tinha escutado das pessoas? “Onde é que o bicho tava pegando?”, como a gente diz. “Onde é que o bicho tá pegando?”, que são os principais significantes. A gente diz que a gente tem que escutar onde o bicho tá pegando e tem que “apalpar” o bicho, tem que... Se não apalpar, se não pegar na mão, não entende. Era a questão da família, do estresse, da depressão... Então a gente fez nesse link uma coisa assim: “Se você está estressado, se você está com problemas na família, se você está deprimido, escreva nesse link que nós estamos fazendo um serviço de atendimento psicológico gratuito”.

Com isso, Heidi, nós entramos pela favela inteira e atendíamos por telefone essas pessoas todas. Depois começamos a fazer grupos com essas pessoas todas.

E aí, no meio disso tudo, nós descobrimos um lugar, que essa instituição tinha 30 anos, que a gente não sabia, que era uma fila, que ficava lá na rua do lado da instituição, chamada “A fila do pão”, que é a fila dos famintos, onde as pessoas vão buscar os pães que as padarias doam e vão buscar os legumes velhos, chegam às quatro horas pra pegar senha. E estão lá. E a nossa equipe ia às sete da manhã, quando começava, e ficava lá. E aí vinha tudo. E é muito legal da gente ver: “Os psicólogos chegaram, chegaram os psicólogos, chegaram os psicólogos...”. Então: “Não, eu quero te falar isso, quero te falar aquilo”...

Então, com isso, a gente vai construindo dispositivos onde a escuta vai entrando na entranha da cidade nesse sentido. Da fila do pão e da porta da CEMEI, nós batizamos o nome que eu gosto muito, que é o “Dispositivo de filas e portas”, trabalho de filas e portas, que são lugares chaves do território, onde a vida se joga de uma forma absolutamente densa e concreta e que nós, psicanalistas, podemos estar ali pra escutar verdadeiramente na transferência isso que acontece.

Então isso é um outro lugar.



Outro lugar que nós estamos trabalhando é esse lugar desse prédio que chama... a empresa até vou dar o nome da empresa porque eles nos financiaram durante um tempo que chama se Metaforma, que é uma empresa de engenharia especializada em retrofit, que é o prédio da Telefônica antigo ali na 7 de Abril e na Basílio da Gama, ali naquela ruinha ali onde tem o Almanara, naquela ruinha ali. Eles estão fazendo um trabalho lindo, aquele prédio... Lindo! Colado na Galeria Metrópole. E você vê que 50 anos... Ou mais... 60 anos depois, eu volto pra Galeria Metrópole, me vejo ali aonde eu ia quando eu tinha 14 anos, entendeu? Naquela, exatamente naquele, naquele... Na Major Sertório, naquele lugar ali... E nos contratou pra trabalhar com população de rua que está ao redor, ali, que fica na Praça da República. Então a gente trabalha nas malocas que têm ali, atendendo nas malocas. Então também os nossos jovens vão lá, chegam uma vez por semana, às vezes duas, e escutam as pessoas que estão nas malocas. Lá eles nos chamam de "psicodoidos". "Chegaram os psicodoidos, chegaram os psicodoidos, vamos conversar com os psicodoidos".

[00:25:20] Então... E tudo isso é escuta e eles vão entendendo com toda clareza que nós não estamos lá pra dar. A gente até ajuda em determinadas situações de documentação, isso e aquilo. Mas o eixo é escuta, o eixo é escuta e funciona. E funciona e funciona de verdade.

Um outro trabalho que a gente está fazendo é pra uma empresa muito grande, que está instalada num bairro e que quer fazer um desenvolvimento local pra esse bairro. Então nós temos uma equipe também de jovens que vão indo pela rua e que vão escutar esse bairro muito problemático e que vendo, desde estudar, quais são as cadeias produtivas, quais são, onde estão as favelas, onde estão os cortiços, onde estão todos esses lugares, pra que a gente possa propor a eles diferentes dispositivos de atendimento a essas pessoas e mesmo... E aí nós trabalhamos com arquitetos que estão de alguma forma reconstruindo o bairro, propondo... Urbanistas.



PSICANALISTAS QUE FALAM

E a nossa ideia ali é desde criar uma produtora cultural, por exemplo, pra chamar os jovens ou tratar dos dentes dos jovens da favela. E, como a gente já havia pensado numa outra situação, que assim: “Olha, aqui tem tratamento dentário”, fazer o contato todo e chegar lá. “Mas pra fazer o tratamento dentário é importante que a gente faça grupo. Então vamos conversar, vamos trabalhar, chama teu pai, chama tua mãe...”. E a gente vai montando dispositivos clínicos então, novamente de atender nessas situações. Mas, ao mesmo tempo, primeiro nós estamos escutando o que que acontece nesse bairro, o que é que acontece... como é que a vida se organiza de verdade.

E é muito importante estudar as cadeias produtivas, por exemplo, os arranjos produtivos... Porque quando a gente vai trabalhar com jovens, se a gente faz uma parceria com os arranjos produtivos, nós podemos conseguir brechas de trabalho, brechas de emprego e brechas de capacitação pra esses jovens que estão ali. Pras crianças a mesma coisa, espaços, de ocupar as praças por jovens da cultura, enfim...

Esses trabalhos que eu tenho feito nesse momento da vida, aos 70 anos, me dão muito... Eu gosto muito de fazer. Porque, sabe, eu perdi o medo de criar, perdi o medo de inventar, perdi o medo de inventar. Não tenho mais medo de inventar, não tenho, não tenho. Eu escutei tanto, ao longo desse tempo todo: “Isso não é a psicanálise” – com a mão assim, esse gesto da mão é muito importante. “Isso não é a psicanálise”. O gesto da mão é muito importante e eu perdi o medo de inventar.

Então, se eu vejo uma coisa, não: “Deixa eu escutar melhor como é que é isso”.

E são exemplos muito bacanas. A gente fez um trabalho na Flip [Festa Literária Internacional de Paraty] com a Flipinha, que é a Flip que cuida das crianças, e pediram pra a gente fazer uma escuta territorial lá, pra fazer uma avaliação.

Então, muito legal que a pessoa com quem a gente tratou isso, que é o Mauro Munhoz, que é um arquiteto, que é o diretor da Flip. E dizia: “Mas o que é que vocês vão fazer?”. Como a gente tinha uma relação de muita confiança, eu falei: “Não sei. Nós não sabemos o que nós vamos fazer, nós vamos pra lá e vamos ver o que rola”. “Sério?”.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

“Sério. Nós vamos pra lá, vamos ver o que é que rola”. Aí a gente começa a andar, bem pra dar um exemplo disso, andar pela rua, deixa uma menina da equipe numa pousada, do lado da pousada tem um CREAS [Centro de Referência Especializado de Assistência Social]. Aí a gente: “Opa, opa!”. O brilho, o brilho do olho. Brilhou: CREAS.

[00:30:00] “Toc, toc, toc. Boa tarde! Nós somos psicólogos e tal, estamos fazendo um trabalho aqui em Paraty”. “Ah, aqui a psicóloga não está, aqui ninguém tem tempo”. “Não, mas que horas que a psicóloga vai estar?”. “Vai estar tal hora? A gente volta”. E aí voltamos, e aí a psicóloga: “Não, não tenho tempo, porque não sei o que, tcharará, tchararám tcharará...”. “Mas a diretora vai estar aqui daqui meia hora”. “A gente espera”. Aí a gente começa falar com a diretora: “Não, eu não tenho tempo...” Daí, aqui que nós estamos falando da escuta, daí ela percebe que nós não estamos ouvindo uma pessoa, nós estamos escutando um sujeito, que é essa diferença absoluta, sutil, porém absoluta, de ouvir uma pessoa e escutar o sujeito. E quando ela se sente um sujeito escutado, ela vai dizer: “Senta aqui, deixa eu contar pra vocês o que acontece aqui, vocês estão vendo esses morros aqui? Um é do Comando Vermelho e outro é dos Amigos dos amigos. Isso aqui, essa cidade, é a segunda cidade mais violenta do estado do Rio de Janeiro e a única coisa que eu tenho pra dar pros jovens é uma urna funerária”. E aí começa, aí começa, aí começa... Por quê? Por um único motivo: porque nós não estamos ouvindo a pessoa, nós estamos escutando o sujeito e ele fala.

Então, do mesmo jeito depois fomos andar nesse bairro um pouco, chegamos numa UBS [Unidade Básica de Saúde], bate ali: “Então a gente queria falar com o médico”. “Não tem médico aqui”. “Querida falar com o enfermeiro”. “Não tem enfermeiro aqui”. “Quem está aqui?”. “Eu”. “Podemos falar com você? Nós estamos tentando entender, tarará, tarará...” “Entra”. Quando a gente diz: “Podemos falar com você?”, já é um outro jeito de... já é outra coisa, já é uma escuta, aí ela fala: “Entra”.

Ficamos duas horas, ela chamou as pessoas que estavam lá, fizemos um grupo onde eles contaram como é que se organiza a vida naquele espaço. As pessoas choravam



PSICANALISTAS QUE FALAM

e contavam e falavam... Foi muito bonito. E com isso a gente foi montando todo um dispositivo que acabou sendo com os jovens, que eram os que faziam a leitura com as crianças, porque a gente foi na praça central, ali tem os “pés de livro”, que os jovens ficam... “São esses caras aqui”, a Flipinha são esses caras. E aí pensamos numa escola normal, que ainda existe em Paraty e começamos a fazer grupos com eles pra contarem o que acontecia na Flipinha, como é que era a questão, entende? Então a gente vai... Perdemos o medo de inventar completamente, não tem: “Isso é”, “aquilo não é”...

E eu vejo muito, porque esse encontro que eu tive com a Elizabeth Danto foi um encontro importante, porque quando eu li o livro dela [As clínicas públicas de Freud: Psicanálise e Justiça Social], eu me senti muito, foi... Algo importante aconteceu comigo que era assim: “eu tenho uma linhagem, eu tenho uma linhagem. Eu não estou aqui do nada. Eu tenho uma linhagem. Eu pertencço a essa linhagem. Mesmo que essa linhagem tenha sido obliterada durante tantos e tantos anos, ela se manteve pulsante aqui e ali e eu pertencço a essa linhagem”. E inclusive na história de romper as fronteiras, nós lançamos uma revista agora nos Estados Unidos, que ela e eu somos os editores de um número de uma revista, de uma instituição que chama Psychoanalytic Social Work. Então, pegando cinco trabalhos do mundo inteiro, que tem a ver com trabalhos como esses, então: dois trabalhos aqui do Brasil, esses que a gente faz, mais outros da Suely Aires na Bahia, da [Universidade] Federal da Bahia, faz um trabalho lindo lá na Federal da Bahia. E uma pessoa da Filadélfia, uma pessoa da Itália e a Danto que também era uma coisa de romper fronteiras de novo. Novamente, porque a gente está super isolado no Sul, super isolado no Sul. E o que a gente faz aqui no Sul, o Norte não entende ou entende muito pouco do que a gente faz. E eu acho que nós temos muito a contribuir com o Hemisfério Norte, muito a contribuir.

[00:35:30] Mas, enfim, o encontro com a Elizabeth foi muito legal, porque em nenhum momento o Freud disse: “Isso não é psicanálise”, nenhum momento! Em nenhum momento. Você deve ter lido o [As clínicas públicas de Freud: Psicanálise e Justiça



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Social]. Em nenhum momento o Freud ou eles disseram: “Isso não é psicanálise”. Nenhum momento. E era: “Acontecia isso aqui, aconteceu aquilo ali, aconteceu aquilo lá... Acontecia várias experiências”. E isso, de alguma forma, eu digo que me fortaleceu, foi muito importante pra mim.

Então eu te diria que a minha vida tem sido muito isso, esse trabalho no consultório, esse trabalho na PUC, que é um trabalho de chamar os alunos, mudar o chip, tirar esse chip dos alunos e que vai sendo muito interessante, porque os alunos que têm um gosto pelo social não têm espaço na psicanálise e os alunos que têm um gosto pela psicanálise não têm espaço no social.

Então, o que a gente vai fazendo ali, o que eu vou fazendo, é exatamente essa relação dialética com a cidade, com essa clínica, e vai abrindo muitas portas pros alunos. É um trabalho minoritário, mas vai abrindo muito. E são esses alunos que vêm trabalhar com a gente nesse processo de formação. Então, a formação de jovens – como éramos – é muito importante. Muitos ficam, muitos não ficam, muitos aguentam, muitos não aguentam, porque a situação transferencial é intensíssima. E a gente cuida muito, com muita supervisão, com muita reunião, com muito cuidado, com super atenção e cuidado com esses jovens. Mas também é um lugar importante que eu fui me metendo na vida, que é o lugar da formação de jovens, desse pessoal que está no segundo ou terceiro ano – Conhece? Segundo ou terceiro ano de faculdade... Quarto ano de faculdade... Que vão se metendo por essa vida afora. E é lindo de ver. É lindo de ver e é muito transformador.

Então, Heidi, o que eu posso ir dizendo, assim, é que essa vida com 70 anos... que é muito marcante, eu fiz a semana passada, então é uma coisa que está muito na minha cabeça, de toda essa trajetória e que começa muito também na Bahia, porque eu lembro que quando eu era muito jovem, adolescente, nessa época que eu andava pelas quebradas aqui do centro, eu li o *Capitães de Areia*, do Jorge Amado, e aquele livro foi uma explosão dentro de mim, uma explosão dentro de mim! Como é que aqueles meninos sentiam... E a sensibilidade daqueles meninos... Como é que era aquela vida? E de repente



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

eu me vi no terceiro ano de faculdade trabalhando na rua com aqueles meninos, no Largo da Concórdia. E era uma coisa estupenda. Dramática, trágica, mas trabalhando com aqueles meninos que o Jorge Amado falava, sabe? E vendo que se a gente escuta, o sujeito fala, o menino fala, a pessoa que está na rua fala, o técnico fala, o gestor fala, todo mundo fala.

E também é um exemplo que eu dou no que a gente dá no SUAS e no SUS, que, como a questão transferencial ela é tão forte, a defesa contra isso vai se dar na burocracia, vai se dar na protocolização, de se fixar no protocolo, não ter o protocolo aqui atrás, mas ter o protocolo aqui na frente.

[00:40:20] E atendem a Dona Maria e diz... Chega a Dona Maria lá na UBS ou no CRAS [Centro de Referência de Assistência Social] e diz: "Ah, eu vim aqui...". "Ah, a senhora veio tirar Bolsa Família? Que bom, me dá seus documentos, tarará, tarará e tarará". Dona Maria já sabe que dali não vai sair nada, nada. Outra coisa é chega a Dona Maria e a gente pergunta: "Boa tarde Dona Maria, como é que a senhora vai? Como é que estão as coisas?". E aí a Dona Maria fala. E vai escutar o que ela fala, e vai escutar o que ela fala. Mas nós psicanalistas temos que escutar isso. Nós temos que estar nesses lugares, presencialmente, nós mesmos, ou capacitando as pessoas pra escutar a Dona Maria.

Então, aqui a psicanálise adquire um sentido no mundo que é outro, porque eu percebo que a psicanálise ela está muito fechada, está muito fechada e é um circuito cultural e de classe muito grande, fechado, que se fala um pro outro, daqui fala-se dentro e entre esse circuito, mas não... Quando fala do outro circuito, pegando aqui o Milton Santos, falando do circuito superior e do circuito inferior, geógrafo Milton Santos, quando fala do circuito inferior, fala *sobre*, não vai *a*. Fala sobre e, aí sim, numa visão colonial, uma visão colonial, numa visão imperialista. Outra coisa é a gente entrar nisso. Mas nós, psicanalistas, de forma geral, quando a gente está, a gente fala sobre. Tem muitos que estão em, que estão dentro, mas fala daqui pra cá, daqui pra cá, daqui pra cá e fica um



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

diálogo entre pares. Mas eu penso que nós temos que falar com o engenheiro. Eu penso que nós temos que falar com a faxineira. Eu penso que nós temos que falar com o porteiro. Eu penso que nós temos que poder...

Em Santos a gente fazia um trabalho com população de rua – foram muitos lugares, muitos, muitas situações... Onde o pessoal dizia assim: “Mas o pessoal fica aqui na porta, deitado na porta do equipamento, do abrigo e não entra, não adere ao tratamento”. Eu dizia: “Como não adere? Os caras estão deitados aqui na porta, estão esperando você chegar pra dizer “bom dia”, estão esperando você sair pra dizer “boa tarde”, estão deitados aqui porque têm uma relação com esse lugar, como é que nós vamos captar e trabalhar a relação que eles têm com esse lugar? Que não é essa, burocratizada aqui, não é essa desse jeito?”

Então tem sido assim a minha vida.

E eu penso que no Brasil hoje... O novo está aqui, eu acho que aqui tem muita coisa nova, porque todas essas experiências que estão acontecendo, todos esses dispositivos, esses dispositivos, todos esses grupos, esses coletivos que estão surgindo, que estão se dispondo a escutar, cada um de um jeito, cada um de uma maneira, cada um partindo de um determinado princípio, mas se propondo a escutar a vida de um outro jeito, me parece que faz toda a diferença. Eu acho que o SUS, o SUAS fizeram toda diferença, na medida em que temos muitos psicólogos no SUS e no SUAS que têm uma formação psicanalítica melhor ou pior, mas que estão lá no Rio Negro, na Amazônia e descem na população ribeirinha e têm alguma noção e sabem do que está acontecendo... E isso faz com que a psicanálise vá entrando nesses lugares, mas de outro jeito, não desse jeito colonial, não desse jeito colonial, mas de um jeito onde se escuta o sujeito de verdade.

[00:45:10] Acho que é isso...

[HEIDI TABACOF] Fiquei emocionada. E fiquei sabendo melhor agora o que você faz hoje. Tantos anos nos acompanhando... E a escuta. E com a disponibilização da



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

psicanálise pro mundo ou não sobreviverá a psicanálise, perderá interesse certamente, mas...

[JORGE BROIDE] Fica muito estreita essa faixa, muito estreita. Que bom que você gostou.

[HEIDI TABACOF]. Que bom, tá ótimo.

[JORGE BROIDE] Tá.

Obrigado pela oportunidade de falar e poder contar essas coisas.

[HEIDI TABACOF] Muito bom, muito bom querido.

[JORGE BROIDE] Muito bom.

FIM



PSICANALISTAS QUE FALAM – EPISÓDIO #12 – Jorge Broide

FICHA TÉCNICA DO EPISÓDIO

Duração: 48'

Ano de Produção: 2024

País: Brasil

Idioma: português

Gênero: documentário

Classificação Etária: livre

Direção e Produção executiva: Heidi Tabacof

Produção: Heidi Tabacof e Quelany Vicente

Assistência de direção: Jonas T. Waks

Direção de fotografia: Cauê Steinberg

Câmeras e Som direto: Cauê Steinberg e Fernanda Cristiane

Edição: Fernanda Cristiane

Trilha Musical: Vitor Kisil

Design gráfico: Julio Dui_mono

Comunicação Digital: Quelany Vicente e Jonas T. Waks

Realização: Tupi produções

www.psisquefalam.com



@psisquefalam

**PSICANALISTAS
QUE FALAM**



@psicanalistasquefalam